



JOVENS ESCOLARES E A CIDADE: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS ESPACIAIS URBANAS COTIDIANAS

YOUTH STUDENTS AND THE CITY: CONCEPTS AND DAILY SPACE URBAN PRACTICES

Lana de Souza Cavalcanti

Doutora em Geografia

Professora da Universidade Federal de Goiás no

Curso de Geografia - Instituto de Estudos Sócio-ambientais/UFG, Campus

Samambaia, CEP: 74.001-970, Caixa Postal 131, Goiânia, Goiás

Email: ls.cavalcanti@uol.com.br

Resumo: Esse texto traz resultados parciais da pesquisa “Aprender a cidade: uma análise das contribuições recentes da Geografia Urbana brasileira para a formação de jovens escolares” que tem como objetivo geral analisar a contribuição das produções recentes da Geografia urbana brasileira sobre cidade, urbano e os principais desafios para a construção desses saberes por jovens escolares. Para levar a cabo tal propósito, buscou-se desenvolver atividades com alunos de escola pública que permitissem conhecer percepções e práticas urbanas dos próprios jovens escolares, considerando que o aluno é sujeito ativo no processo de ensino/aprendizagem, e como tal tem de ser considerado em seus saberes, em sua subjetividade e em seu desenvolvimento cognitivo.

Palavras-chave: Jovens Escolares. Geografia Urbana. Ensino de Geografia.

Abstract: This text presents partial results of the research "Learning the city: a review of recent contributions from the Urban Brazilian Geography to the youth student's formation" that aims at analyzing the contribution of recent Urban Brazilian Geography productions concerning to city, urban and major challenges to the building of these knowledge by youth student. To achieve this purpose, it was aimed to develop activities with students of public schools that allow knowing the perceptions and the urban practices taken by youth students themselves, considering that the student is an active subject in the teaching-learning process, and as such must be considered in their knowledge, in their subjectivity and in their cognitive development.

Key-words: Youth Student. Urban Geography. Teaching of Geography.

A cidade na Geografia escolar e a formação de jovens escolares

Para a compreensão das práticas espaciais cotidianas, a Geografia tem buscado aprofundar entendimentos sobre a cidade, o urbano, o cotidiano, a cultura, reafirmando o conteúdo material e simbólico na totalidade do espaço. Como esses entendimentos se relacionam com o ensino de Geografia? As atuais produções da Geografia urbana afetam de algum modo a Geografia escolar? Ou, dizendo de outra maneira: é possível, necessário e pertinente incorporar tais produções no conjunto de conteúdos a serem veiculados pela Geografia escolar? Esse corpo de conhecimentos produzido pelos pesquisadores da Geografia urbana interessa ao aluno de Geografia? De que modo ele ajuda na sua formação?

Por sua vez, algumas propostas para o ensino de Geografia enfatizam como uma de suas metas a formação de conceitos relevantes para o desenvolvimento intelectual do aluno, salientando o caráter ativo desse aluno no seu processo de aprendizagem, no qual participam seus conhecimentos cotidianos (com base em contribuições do pensamento de VYGOTSKY, 1984, 2000).

Na busca por atribuir significado à Geografia que se ensina para os alunos, tornando-a mais interessante e mais atraente, e com isso promovendo aprendizagens significativas, a pesquisa na área de Geografia escolar aponta, portanto, para a necessidade de conhecimentos integrados, abertos, que considerem a complexidade inerente à realidade, destacando-se a relação entre cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem.

Essas considerações colocam outras questões sobre o ensino de cidade: que relações podem ser estabelecidas entre o que se tem analisado na Geografia sobre esse conceito e os conhecimentos que os alunos constroem em sua vida urbana cotidiana? Que encontros entre as duas “geografias” podem ser estabelecidos? Os professores, ao ensinarem conteúdos do espaço urbano levam em conta as características, os problemas, a dinâmica dos espaços vividos pelos alunos e suas percepções sobre esses espaços? Essas são algumas das questões que inicialmente norteiam a linha de investigação a que se vincula essa pesquisa.

Com esse entendimento, e apoiando-se em investigações na área da Geografia escolar e da formação de professores, Cavalcanti (2012) elenca alguns saberes para a prática da docência: *saber Geografia*; saber ensinar; saber para quem vai ensinar; saber quem ensina Geografia; saber para que ensinar Geografia; saber como ensinar Geografia para sujeitos e contextos determinados. Entre esses saberes,

destaca-se, neste texto: *saber para quem vai ensinar*. Ao distinguir esse tipo de saber como fundamental para a formação do professor, quero apontar a necessidade de que os professores conheçam quem são os alunos, suas motivações, sua história e contexto de vida, sua identidade individual e coletiva.

Defende-se, assim, a relevância da formação de referências psicológicas, que permitam aos professores refletirem sobre a subjetividade humana; e sociológicas, que fundamentem a percepção dos alunos como sujeitos sociais. Nesse contexto, aos professores cabe observarem os jovens, sua fala, suas práticas, e também informarem-se sobre como os especialistas estão compreendendo esse segmento social no contexto contemporâneo global e local. Essa discussão remete à análise da juventude e de sua cultura, como referência significativa dos alunos da educação básica.

Com tais preocupações, esta pesquisa se insere na linha de investigação “Geografia e Ensino de cidade”, tendo como foco a temática do ensino de cidade pela Geografia e a formação para a prática urbana cotidiana.

Considerando que a demanda pelo tratamento dessa temática no ensino é mais que a de apresentar elementos informativos, busca-se mostrar as possibilidades de, no ensino desses conteúdos/assuntos, ampliar a compreensão dos alunos sobre sua vida cotidiana, sobre suas práticas espaciais, sobre a dinâmica espacial de diferentes lugares.

Tal perspectiva reafirma a possibilidade de se trabalhar concretamente o conteúdo cidade no ensino de Geografia, de forma que contribua para a compreensão da espacialidade contemporânea. Ela enfatiza, também, modos de abordar a Geografia urbana na escola, tendo como eixo a formação de conceitos geográficos elementares, como os de paisagem, lugar e território, e sua articulação, visando à aprendizagem significativa dos jovens escolares. A concepção que se tem é de que essa abordagem contribui para o desenvolvimento de habilidades necessárias para os deslocamentos e práticas do aluno, capacidades elementares para o usufruto pleno da cidade.

Para isso, considera-se necessário aprofundar estudos teóricos que permitam fazer uma “leitura geográfica da cidade”, partindo do pressuposto de que se trata de uma construção humana (CARLOS, 2005). Esse aprofundamento é feito de modo articulado a uma prática espacial de cidade, particularmente a prática de jovens escolares, pois se entende que assim será possível uma compreensão abrangente da realidade urbana e conseqüentemente uma inserção mais efetiva das pessoas para a

construção de uma sociedade e de uma cidade mais humanista, mais democrática, mais inclusiva.

A cidade é entendida, assim, como um produto e como condição da vida social, expressando a dinâmica das relações sociais dos agentes sociais, na qual predomina a dimensão econômica, mas não se reduz a ela. Essa dinâmica da produção do espaço urbano permite entender melhor a cidade, sua caracterização como mercadoria, subjugada ao mundo produtivo. A subjugação, no entanto, não é completa, pois o movimento social é contraditório, conflitivo, fazendo com que a realidade vá adquirindo contornos resultantes dessa contradição.

A cidade, desde as últimas décadas do século XX, tem sido produzida para atender às demandas da sociedade: global, informatizada e midiática; mas também ela é composta por diferentes sujeitos, diferentes grupos humanos, que realizam práticas e comportamentos urbanos diversos. A cidade é, pois, um espaço multicultural, é o lugar da copresença, da coexistência. Nessa compreensão de cidade, sua realidade e projetos, há de se fazer distinção entre os diversos grupos, seus desejos, anseios, rotinas, estilos e a desigualdade de participação social. A cidade a se almejar é o lugar da diferença, do contato, do conflito, em busca de menor divisão/separação espacial, menor dispersão, maior convívio entre os diferentes, menor desigualdade social. Pretende-se, com isso, reafirmar um projeto de cidade que garanta seu usufruto pela população, que garanta o direito à cidade (LEFEBVRE, 1991), em seu dia a dia, em seu cotidiano.

Nessa linha, a articulação entre cidade, espaço público, cidadania e cultura torna-se relevante para nortear o ensino. A cidade como lugar de culturas; cidadania como o exercício do direito a ter direitos (e a ter deveres), que cria direitos no cotidiano, na prática da vida coletiva e pública; espaço público, como elemento para a prática da gestão urbana democrática e participativa, que favorece o exercício da cidadania. A preocupação com esse espaço revela, assim, uma gestão que tem como meta a melhoria da qualidade de vida de seus habitantes.

Os espaços públicos são lugares da coabitação, de encontro e de copresença onde se podem expressar as infinitas diferenças, das divergências, das contradições. Sendo assim, eles promovem e ampliam as possibilidades de construção de cidadania, quando se efetivam as práticas coletivas.

O entendimento de que a cidade é um espaço público e um ambiente complexo da vida coletiva relaciona os modos de produção desse espaço com os modos de existência das pessoas que ali vivem. Essa relação coloca, por sua vez, a

tarefa de pensar, imaginar, propor, novos modos de vida possíveis dentro de um ambiente já construído, mas que pode ser reconstruído. Como coloca Harvey (2004, p. 210):

Quando [...] contemplamos futuros urbanos, temos sempre de combater uma ampla gama de sentidos emotivos e simbólicos que tanto informam como confundem nosso sentido do 'caráter de [nossa] tarefa. Ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente a nós mesmos. Projetos referentes ao que desejamos que sejam nossas cidades são em consequência projetos referentes a possibilidades humanas.

Nesses termos, a pesquisa aqui referida estabelece como objetivo do ensino de Geografia a educação geográfica para a vida urbana com participação cidadã.

A preocupação em trabalhar conteúdos referentes à cidade na Geografia escolar surge no entendimento de que assim se propicia instrumentos relevantes ao aluno para que ele possa compreendê-la em sua complexidade, a partir de suas próprias experiências com esse espaço.

Reafirma-se, nesse sentido, que a contribuição da Geografia é relevante, pois ela lida com alguns conceitos e sistema de conceitos que esclarecem muitos dos processos de estruturação do espaço urbano. Particular interesse tem, nesse sentido, o conceito de espaço banal, utilizado por Santos (1999) para pensar as horizontalidades no espaço. Ele é adequado para analisar as práticas espaciais cotidianas de jovens, já que se refere ao espaço da vida cotidiana, ao espaço das relações sócio-espaciais locais, organizando a vida dos territórios.

Ao propor esse conceito, Santos faz o alerta para se considerar a dialética horizontalidades/verticalidades, ou seja: juntamente com a análise da verticalidade – que se trata da tendência à organização dos territórios em redes, proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação – considerar as horizontalidades, que são as relações que se estabelecem em espaços contíguos, lugares vizinhos com continuidade territorial.

Nesta proposta, esse conceito contribui para compreender o modo como os jovens percebem os lugares/locais da cidade, como tem se relacionado no cotidiano com eles, como em suas ações rotineiras e cotidianas tem assumido locais da cidade como seus lugares e como tem deles se apropriado e produzido território.

Partindo do entendimento de que os jovens atuam a partir de referenciais construídos sobre seu lugar de vida cotidiana (espaço banal), mas também constroem conhecimentos espaciais (e outros) ao lidarem com o mundo, conhecendo suas dinâmicas (as verticalidades), considera-se que conteúdos da Geografia escolar

podem servir como referenciais para esses jovens. Na escola, circulam conhecimentos com a meta de se ampliarem as referências mais imediatas, mas para que se possa cumprir essa tarefa, é relevante conhecer os jovens escolares, suas motivações, seus conhecimentos, conforme delineamentos a seguir.

Jovens escolares: elementos iniciais para a compreensão de suas práticas espaciais

Como foi mencionado anteriormente, para trabalhar na escola e no ensino é importante conhecer os sujeitos do processo, que são os alunos. Para além dessa orientação mais geral, destaca-se para o professor de Geografia a relevância da investigação sobre o tema da juventude. Essa relevância está ligada em primeiro lugar ao fato de que grande parte de seus alunos pertencem a esse segmento. Além disso, muitos aspectos da prática cotidiana de jovens tem relação direta ou indireta com os conteúdos geográficos, o que permite que, ao ser considerado em sua complexidade e em suas manifestações empíricas, os alunos se identifiquem com esses conteúdos e percebam seu significado para sua vida.

Nessa pesquisa, concebe-se juventude como categoria de análise para compreender as possibilidades de as práticas docentes se voltarem para projetos formativos críticos e comprometidos com o desenvolvimento dos alunos.

Postula-se um conceito de juventude como categoria social cuja delimitação não pode estar restrita a critérios de idade ou desenvolvimento biológico. Do mesmo modo, apoiando-se em alguns autores (como, por exemplo, OLIVEIRA, 2007; CANCLINI, 2009; TURRA NETO, 2011,), não se pode referir a essa categoria como uma unidade, cujas características classificadoras podem ser elencadas *a priori* e generalizadas. Pelo contrário, é necessário admitir sua diversidade, no que diz respeito às práticas, ao conteúdo de suas representações, à sua inserção/pertencimento social, ao gênero, a raças e etnias. Sendo assim, é melhor falar em juventudes, e conceber os alunos, então, nas múltiplas dimensões de um mesmo ser social.

Necessário se faz, assim, entender o jovem em sua complexidade e diversidade, sem estereótipos, preconceitos, padronizações, enfim, entender juventude como uma identidade importante para os alunos, marcada por um momento de se distinguir do adulto e ao mesmo tempo da criança, o que os faz perceber-se semelhante a outros e ao mesmo tempo lhes permite afirmar sua diferença.

Também é orientação dessa pesquisa compreender o conflito entre adultos e jovens como elemento do movimento e da mudança social, e dessa forma buscar legitimar a fala dos jovens, reconhecê-los individualmente e em grupo, com suas percepções, suas experiências geográficas – tornando efetivo o diálogo entre os saberes – cotidiano e científico – e os sujeitos – alunos e professores. Desse diálogo, pode resultar melhor compreensão, pelos jovens, de seus próprios processos de pensamento, de si mesmos e do mundo.

Os jovens são agentes do processo de produção e reprodução do espaço urbano, pois em seu cotidiano fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem identidades e dão movimento aos lugares. Essa produção/reprodução se articula a diferentes modos de inserção desses jovens, dependendo de sua condição socioeconômica, do gênero, etnia, raça, opção religiosa, condição sexual, e de sua vinculação aos diversos grupos. Por diferentes modos, buscam constituir seus lugares, em espaços públicos ou privados, na rua, no clube, na praça, nos bares, na escola, imprimindo neles suas marcas, construindo suas identidades (HALL, 1997).

Num movimento dialético com a cidade, os jovens transformam-na e se transformam constantemente, produzem espacialidades ao se produzirem, produzem e consomem culturas, produzem e consomem a cidade, constroem suas identidades e sua subjetividade com as condições dadas pela espacialidade urbana instituída e dominante, transformando-a, sob condições objetivas.

Nas discussões temáticas da Geografia, está presente, cada vez com maior força, essa busca de incluir diferentes dimensões para a compreensão da dinâmica urbana, entre elas, está a preocupação com a relação entre juventude e cidade (conferir SILVA, R.S. CASSAB, C., 2011; TURRA NETO, N. 2011).

Na reflexão sobre juventudes contemporâneas, além de atentar-se para sua pluralidade e para seus processos de identificação cultural, variados, efêmeros, enredados, muitos estudiosos têm escolhido as territorialidades como eixos de sua constituição e de suas práticas. Essa linha de estudos requer, como alerta Cardoso e Turra Neto (2011) e Turra Neto (2010), maior precisão de conceitos como lugar, lugar-local, relação global-local, território e territorialidade, desterritorialização/reterritorialização e espaço.

Com efeito, os jovens, ao circularem pela cidade, em grupos e mesmo individualmente, expressam e marcam, com seus comportamentos e práticas, suas próprias vidas e suas concepções dessa vida. Segundo Oliveira (2007), eles usam

seus corpos e a cidade para realizarem suas leituras/escrituras da cidade. As técnicas de uso do corpo - os grafismos, adereços, cores e cortes de cabelo - são elementos para definição/identificação de um grupo; da mesma forma, a apropriação, a ocupação e a produção de marcas na cidade - pichações e grafites, os movimentos, reuniões políticas, religiosas ou de lazer, manifestações artísticas de músicas e danças - também participam desse processo.

Assim, as práticas dos jovens na cidade constituem territórios, como acontece com os diferentes grupos conhecidos de jovens: o hip-hop, o funk, os grupos religiosos, as torcidas de futebol, os quais resultam de práticas de grupos com vinculações em redes, às vezes virtuais e globais, mas que se delineiam no cotidiano dos territórios por eles constituídos nos locais.

Com esses pressupostos teórico-metodológicos, desenvolveu-se uma investigação com professores da rede pública de Goiânia, com o intuito de ampliar a discussão sobre as relações entre juventude, cidade e Geografia escolar, da qual alguns resultados serão apresentados a seguir.

Percepções sobre a cidade de jovens estudantes da escola pública da Região metropolitana de Goiânia

As formulações anteriores se desdobram em preocupações quanto à inclusão desse tema da juventude, ou melhor, das juventudes e de suas culturas, como elemento da formação docente, tanto na formação inicial, nas disciplinas diversas dos cursos, como na formação continuada, nos momentos de planejar e de se avaliar os processos de ensino das diferentes disciplinas escolares e de elaboração do projeto político-pedagógico. A discussão daí decorrente permite ao professor compreender o aluno concretamente, ajudando-o a se relacionar com cada aluno, como sujeito único, mas também como segmento social, como portador de culturas, de elementos culturais “mesclados”, por vezes contraditórios.

No caso específico do professor de Geografia, para além de compreender o jovem nos aspectos gerais, como os já delineados, é importante, sobretudo, compreender suas práticas espaciais. Esses sujeitos sociais têm um conhecimento espacial, enquanto cidadãos, que em busca de identificações produzem uma “geografia”, particularmente nos espaços da cidade. Essa “geografia”, ao ser integrada no currículo da escola, contribui com a capacidade do trabalho docente de intervir nos motivos e interesses pessoais dos alunos, com o objetivo de mediar seus processos de reflexão.

Nessa temática específica, pode-se, assim, acrescentar a prática escolar e considerar que os jovens, ao entrarem nos espaços escolares de qualquer lugar, são agentes de espacialidades. Por isso, quando professores de Geografia ensinam sobre aspectos da espacialidade geral, estão falando da história e dos espaços dos sujeitos que a configuram, de alguma maneira, estão falando dos próprios jovens, seus alunos. Essa me parece ser a via pela qual se pode demonstrar o aspecto mobilizador dos conteúdos geográficos: eles ajudam os jovens a compreenderem sua vida, seu mundo. Entre as motivações dos jovens está a de falar sobre sua vida, suas práticas rotineiras, suas percepções e valores. Nesse sentido, cabe a pergunta: Como a escola e a Geografia podem abrir-se para o diálogo entre sujeitos e saberes geográficos? Uma das possibilidades relaciona-se ao conhecimento e consideração no cotidiano das salas de aula da espacialidade produzida pelos alunos na rua, na Igreja, nas praças, na escola, enfim, na cidade, buscando aproximações entre essas espacialidades. Para cumprir esse objetivo, os professores de Geografia devem estar atentos para as práticas e percepções espaciais dos seus alunos.

Com o propósito, então, de investigar junto com professores, da rede de ensino de Goiânia e de outros municípios da sua região metropolitana, as possibilidades de se trabalhar com o tema da cidade tendo como referência aspectos do jovem e de sua cultura e as produções da Geografia urbana, organizou-se, como uma das etapas desta pesquisa, um grupo focal. Esse grupo foi constituído por professores de Geografia, da rede básica de ensino, com experiência no Ensino Médio, nível no qual estão predominantemente os jovens escolares na faixa etária recortada para a pesquisa (entre 15 e 24 anos).

Inicialmente, aceitaram participar do grupo 9 professores, mas, efetivamente, durante todo o trabalho participaram somente 7. Entre esses componentes, estavam dois alunos da graduação, que realizavam estágio em escolas públicas de Ensino Médio. Foram previstos 10 encontros quinzenais, no período de novembro de 2011 a junho de 2012, com temas específicos para cada encontro, conforme quadro a seguir:

Quadro 1 - Roteiro para discussão no Grupo Focal – Goiânia, 2011/2012

Encontros	Temas
1º.	Apresentação do grupo e da proposta de trabalho
2º.	Traços da cultura dos jovens escolares
3º.	Relação dos jovens com a escola
4º.	Relação dos jovens com os professores
5º.	O jovem e a sua cidade
6º.	Jovens e práticas espaciais cotidianas
7º.	Jovens e aprendizagem em Geografia
8º.	Os conteúdos geográficos e a vida cotidiana dos jovens
9º.	Geografia Urbana e práticas espaciais de jovens
10º.	Jovens e expectativas futuras

Os encontros tinham duração média de 2 horas, que consistia em debates livres, a partir dos pontos definidos como guia de discussão. As reuniões eram gravadas e tiveram, também, um registro sistemático, por escrito, de um dos membros do grupo, que foi destinado para ser o observador participante, seguindo orientações da metodologia de Grupo Focal (GATTI, 2005; SUANNO, 2008).

Em cada reunião, inicialmente era apresentado o tema central da discussão, mas também era esclarecido que qualquer membro do grupo poderia, se quisesse, acrescentar ou incluir algum outro tema de seu interesse naquela reunião. Em todos os encontros eram disponibilizados para os membros trechos de textos para leitura conjunta no início, como mobilizador do debate. Nessas ocasiões, vários foram os assuntos e os dilemas apresentados e discutidos. À medida que os temas foram discutidos, os professores foram tomando consciência, segundo seus próprios depoimentos, da relevância daquela temática para seu trabalho.

Cabe destacar que no 7º encontro, houve uma acalorada discussão sobre atividades de campo e as possibilidades de o aluno conhecer sua cidade. Então, como mediadora do grupo, entendi que os trabalhos do grupo poderiam ser encerrados com a elaboração e aplicação conjunta de uma atividade com os alunos dos professores componentes do grupo, com o objetivo de compreender mais e melhor os elementos das percepções dos alunos sobre sua cidade. Considerando, então, a relevância que teria essa atividade para os propósitos da investigação, fiz a proposta aos professores, que aceitaram com entusiasmo. Assim, os 8º e 9º encontros foram direcionados para a elaboração e discussão dos resultados das atividades aplicadas, além de se manter o foco dos temas centrais do guia de discussão previstos para cada um deles.

Em um dos debates, ao longo dos encontros, os professores enfatizavam as dificuldades de os alunos, principalmente os de escola pública, com menor poder aquisitivo, circularem pela cidade, de terem acesso aos seus lugares, de conhecerem

alguns deles. Considerando que o pleno usufruto da cidade, o exercício do direito a esse espaço público (a cidade como um todo), dependem de se ter acesso aos símbolos, aos códigos, aos conhecimentos sobre a cidade, ficou decidido que a atividade com os alunos teria como eixo essa preocupação. A atividade consistiu em solicitar a eles que citassem lugares da cidade de Goiânia onde frequentavam, onde gostariam de frequentar, que apontassem pontos positivos e negativos dessa cidade. Além disso, foram apresentadas duas fotos (Figuras 1 e 2) de um lugar central da Goiânia – Avenida Goiás–, sem identificá-lo, solicitando-se sua observação:



Figura 1 – Vista parcial da Avenida Goiás - Goiânia, 2012.

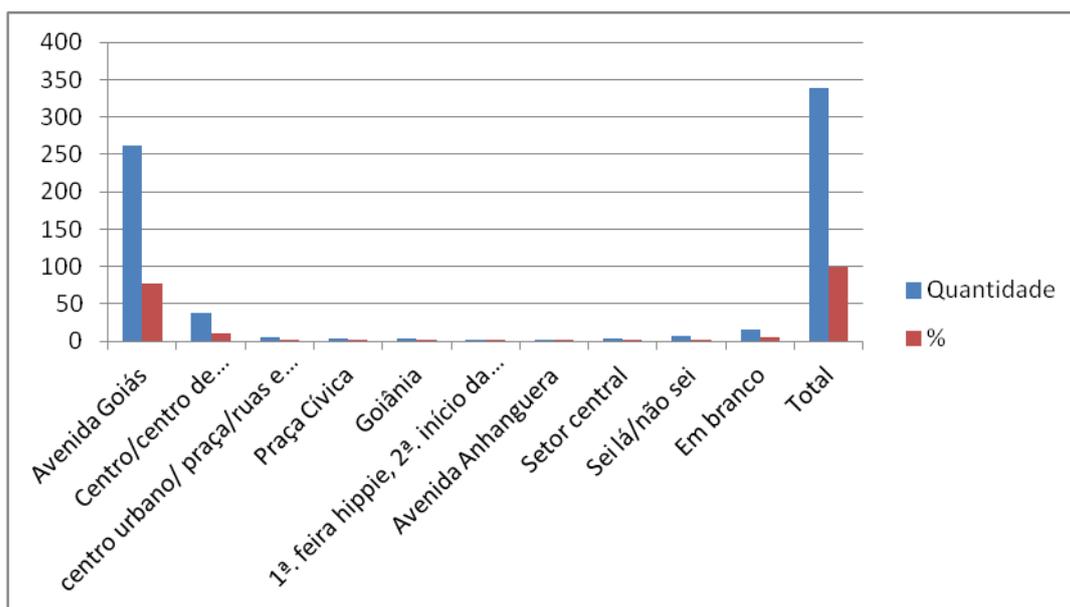
Fonte: Grupo de pesquisa Aprender a cidade, 2012



Figura 2 – Vista parcial da Avenida Goiás - Goiânia, 2012
Fonte: Grupo de pesquisa Aprender a cidade, 2012

Em seguida, foi perguntado a eles: “Que lugar é esse?”. As respostas dos alunos foram reunidas no seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Atribuição de nome para o lugar representado nas fotos 1 e 2, pelos alunos do ensino básico – Goiânia, 2012

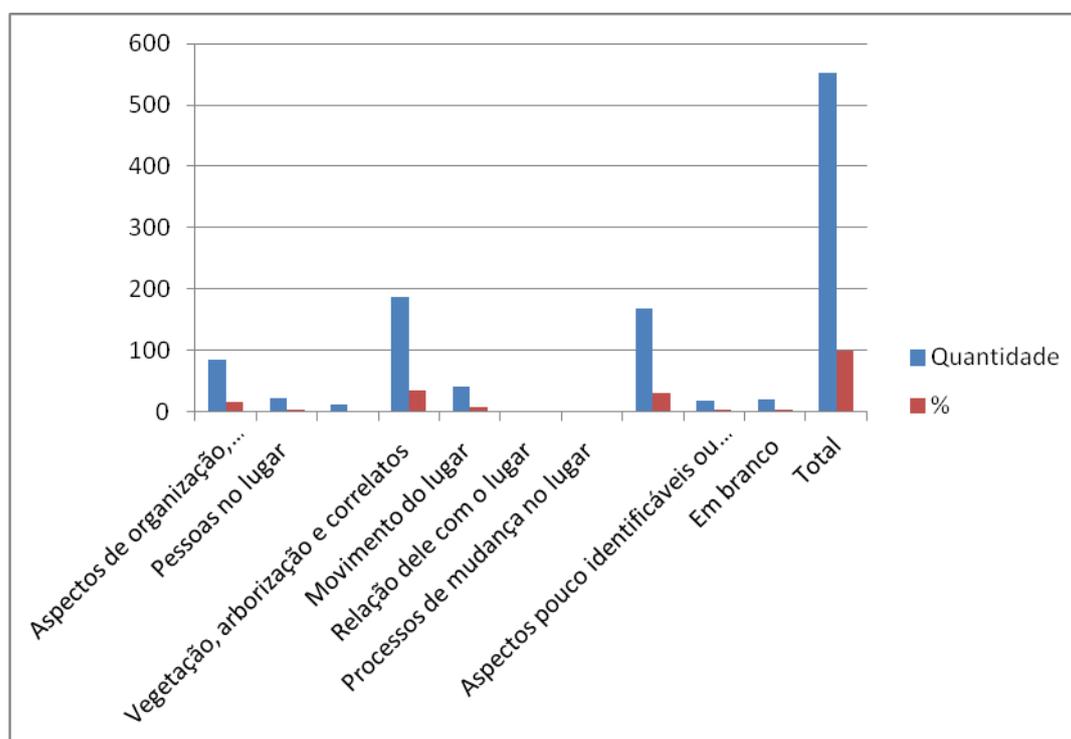


Fonte: Dados coletados e organizados pelo grupo de pesquisa, 2012.

Pela observação do gráfico, pode-se afirmar que os alunos conhecem um dos principais pontos de referência da cidade – Avenida Goiás, uma vez que do total de 339 alunos que realizaram a atividade, de escolas públicas e privadas, de diferentes partes da cidade, 77,28 % reconheceram o lugar e souberam apontar seu nome; juntando-se a outros 11,20 % que apesar de não saberem dizer, ou simplesmente não dizerem, o nome específico do lugar, demonstraram que o reconhecem como uma avenida central da cidade.

Na continuação da atividade, havia a seguinte solicitação: “Descreva as fotos, destacando o que te chamou mais atenção”. O resultado do tratamento das respostas dos alunos a essa solicitação pode ser visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Elementos da paisagem urbana destacados por jovens escolares – alunos do ensino básico – Goiânia, 2012



Fonte: Dados coletados e organizados pelo grupo de pesquisa, 2012.

Nessa questão, foram coletadas 552 referências, mais que o número anterior, uma vez que as respostas muitas vezes continham mais de um elemento. Desse total, verificou-se a predominância de 187 citações (33,87% do total) que destacavam a vegetação (ou correlatos, como área verde, plantas) como chamando a atenção naquelas figuras (Figuras 1 e 2). Em seguida, por ordem de importância, aparecem aspectos ligados à estrutura urbanística ou a algum de seus aspectos, como canteiros,

pérgolas, equipamentos urbanos, praça, ruas largas, com 168 citações (30,43%). O terceiro elemento que os alunos destacaram, pelo número de citações, está relacionado a aspectos da organização, arrumação, beleza, limpeza e cuidado do lugar, com 85 atribuições (15,39%).

Observando-se esses três conjuntos de respostas e desprezando-se outros que foram menos específicos ou mais pontuais, pode-se fazer a seguinte reflexão inicial: os jovens escreveram sobre o que eles valorizam, e sobre o que valorizam em sua cidade - aspectos que evidenciam o respeito pela qualidade de vida de seus moradores. O que faz afirmar isso são as referências, de um lado, ao “verde”, tão alardeado como elemento importante para a qualidade de vida, ainda que seja, por exemplo, na forma de pequenos canteiros de plantas na calçada de uma avenida, e, de outro lado, à organização do ambiente, à estrutura da avenida, com faixas exclusivas de ônibus, com calçadas largas, aos bancos ao longo de sua extensão e aos pontos de ônibus – destacando-se os atributos muitas vezes apontados pelos alunos: bem cuidado, bonito, limpo, a beleza do local, paisagem bela, canteiros bem cuidados. Ou seja, o conjunto valorizado, pois está chamando a atenção dos alunos, é o que aparece como condição de vida urbana cotidiana com certa qualidade e respeito às necessidades de moradores da cidade: o deslocamento, o descanso, o trabalho.

Chama atenção ao observar as respostas dos alunos o fato de que apenas um deles afirma que conhece o lugar, conforme sua resposta: *Eu conheço esses lugares*. O que isso significa? De fato, a orientação da atividade não favorecia/ou indicava esse tipo de associação, mas de todo modo é importante levantar o questionamento, pois há outras evidências no cotidiano escolar de que quando se pede uma tarefa na escola, os alunos não são estimulados a falarem sobre sua relação com a tarefa ou com o seu conteúdo. Nessa atividade, pode-se inferir: os alunos conhecem esse lugar, mas não entendem que são seus lugares; ou entendem que em tarefas de escola não se fala dos lugares como seus.

Essa atividade teve como meta mais geral explorar os conceitos de paisagem, lugar e território, entendendo que eles são relevantes, conforme apontado no início do texto, na estruturação de um olhar espacial sobre a cidade. O conceito de paisagem como a expressão visível de um espaço, como domínio do aparente, daquilo que é vivido diretamente pelo corpo, com todos os sentidos - visão, audição, tato, olfato, paladar e também como o que é imaginado pelo sujeito. Outro componente estruturador do conceito geográfico de urbano é o lugar. A cidade e seus locais/pedaços, como o evidenciado nas fotos, podem ser vistos como lugares, onde

se produz um modo de vida, onde se exerce no cotidiano a cidadania, onde se produzem as práticas sociais cotidianas. O lugar é o meio possível de manifestação da globalização, e também o meio de resistência à hegemonia do global, dos padrões globais de funcionamento da sociedade e da padronização de modos de vida (SANTOS, 1999, 2004; HARVEY, 1989; CARLOS, 1997). Nos lugares, podem se materializar as ações planejadas globalmente, e neles se manifestam a identidade, o subjetivo. Sendo assim, é o espaço vivido e também uma categoria da análise geográfica, pois sintetiza de uma maneira específica o mundo, expressando relações mais gerais, mais globais, em sua complexidade e em suas contradições. Ainda outro conceito a se destacar é o território. A estruturação de territórios está vinculada às relações de poder, à estratégia de grupos sociais, mobilizados em contextos históricos e geográficos determinados, na produção de identidades e de lugares, no controle do espaço. Alguns geógrafos brasileiros (HAESBAERT, 2006; SAQUET, 2009; e SOUZA, 1995; 2009) têm articulado conceitos como os de territorialidade, desterritorialização, reterritorialização, para entender a dinâmica dos territórios, numa perspectiva integradora que abrange as dimensões política, econômica, cultural e natural da prática espacial, resultantes de processos de identificação, de dominação e de apropriação espaciais, por parte dos diferentes agentes/sujeitos que os promovem.

Na articulação dos conceitos de paisagem, lugar e território, incorpora-se a discussão sobre identidade e cultura, para compreender as práticas espaciais e as concepções dos sujeitos no cotidiano da cidade: os processos de identificação cultural, as identidades múltiplas, a crise da identidade, a acentuação da diferença (CANCLINI, 2005, 1995; HALL, 1997; WOODWARD, 2009).

Essa reflexão contribui para compreender as respostas dos alunos com respeito às fotos como indícios de seu conhecimento espacial, enquanto cidadão em busca de identificação. De fato, no exercício de suas práticas, os grupos desenvolvem um sistema de rituais e ritos, linguagens, vestuários, locais de encontro, estabelecem fronteiras. Assim, é importante entender como eles vivem os lugares da cidade, em seu cotidiano, como se relacionam com esse lugar, com seu bairro, sua cidade, partes centrais da cidade. Para a gestão urbana, e para a participação dos jovens nessa gestão, é preciso analisá-las, sem preconceitos, sem estereótipos, como um processo comunicacional, no qual a interação com os outros grupos é importante, mesmo que seja como reação negativa, mesmo que seja como conflito na conquista de território, mas sempre como alternativa de apropriação do espaço da cidade.

Em suas práticas, os jovens usam seus corpos e a cidade, ocupando-os,

apropriando-se deles e produzindo neles suas marcas. Sendo assim, participam das práticas espaciais formadoras de territórios, de múltiplas territorialidades. Na formação e na manutenção desses territórios, os jovens fazem suas marcas, “modelando” suas paisagens, reais e imaginárias. Nessa prática de jovens está a definição de seus lugares de ficar/transitar, como grupos, nos lugares da cidade, lugares que eles identificam como seus, se identificam neles.

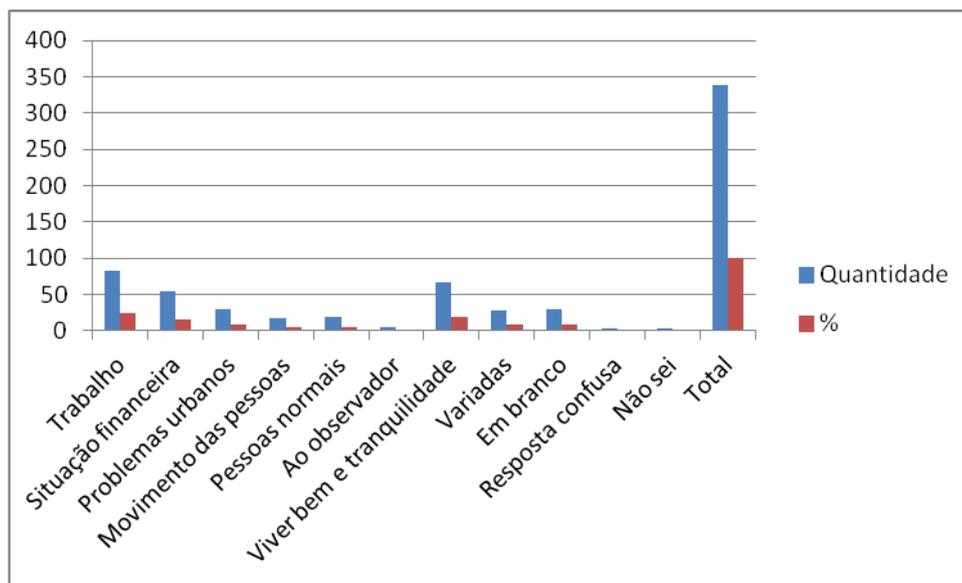
Por exemplo, em Goiânia, os pichadores de rua costumam frequentar praças, feiras ou shopping centers (MASSON, 2005). Outros grupos de jovens vivem a cidade e se apropriam de lugares públicos, como rua, praças, shopping, como um modo de enfrentar e “quebrar” a lógica da segregação, da privatização e do individualismo presente na produção dos espaços urbanos. Mas ainda são predominantes algumas diferenças nas práticas espaciais dos jovens de classe média e alta em relação aos de classe baixa, mantendo-se o apartamento social (MARTINS, 2005). Esse apartamento, por sua vez, pode ser observado nos lugares de lazer, que são os mais frequentados por eles, os bares, os parques e os shoppings. Analisando a juventude de Goiânia, Martins (op. cit.) constatou que os de classe média e alta são mais desenraizados em relação aos lugares, realizando um “nomadismo urbano” em suas práticas de lazer. Enquanto que os jovens da periferia da cidade se mostraram mais limitados no deslocamento e na variabilidade de lugares que frequentam. Esses jovens têm uma tendência a se territorializarem mais em ruas e lugares públicos, como praças e parques, presentes em seus bairros ou em regiões próximas a eles.

Outra dimensão da relação dos jovens com a cidade são suas percepções. Em diversas pesquisas sobre o jovem em Goiânia (SANTOS, 2007, MARTINS, 2005, MASSON, 2005), constata-se que há uma imagem positiva da cidade, pois em seus depoimentos eles apontam como características o fato de nela existirem diferentes opções de lazer, de consumo, de serviço, de encontro, de sociabilidade dos grupos. Os jovens também demonstram que possuem consciência dos problemas espaciais da sua cidade, apontando, por exemplo, a violência, as drogas, o trânsito, o transporte coletivo. No entanto, na gestão e na produção do espaço da cidade eles nem sempre se percebem como responsáveis pela solução desses problemas.

Considerando-se esses elementos dos diferentes grupos de jovens (mais ou menos organizados, mais ou menos definidos, contestatórios ou não), percebe-se que eles são potenciais protagonistas da produção do espaço urbano, o que acentua a pertinência de incluir na escola uma discussão sistemática sobre espaço urbano, cidade, produção espacial, cultura, e também sobre as práticas espaciais cotidianas das pessoas

que vivem nesse espaço. Por essa razão, finalizou-se a atividade solicitando que os alunos respondessem à questão: “Quem você imagina que são e como vivem as pessoas que estão nessas fotos?”. Para analisar as respostas dos alunos foi produzido o gráfico síntese de suas respostas:

Gráfico 3 - Referências para pessoas representadas nas fotos, na opinião dos alunos do ensino básico – Goiânia, 2012



Fonte: Dados coletados e organizados pelo grupo de pesquisa, 2012.

Ao observar as respostas, percebe-se alguns agrupamentos mais significativos, que merecem comentários nesse momento. O primeiro deles refere-se ao grupo de respostas aqui denominado como o que atribui principal referência ao trabalho. Nesse grupo, 83 alunos (24,48%), ao dizerem quem imaginam que são as pessoas das fotos, responderam destacando o fato de serem trabalhadores. Foram comuns respostas do tipo: *trabalhadores que vivem atrás dos seus sonhos... trabalhadores, eles tem a vida muito corrida...trabalhadores esperando o ônibus e eles são muito ocupados... trabalhadores esperando o horário de trabalho... trabalhadores na correria do trabalho...trabalhadores, passam por transportes públicos de péssima qualidade... trabalhadores nas horas vagas e a vida deles é corrida... trabalhadores, levam vida estável, nem com muito conforto nem com necessidades.*

O segundo grupo de respostas, por ordem de quantidade de respostas (19,74 % do total), foi o que deu maior importância ao fato de essas pessoas viverem bem, de estarem em um local bonito, bom de viver, e que estavam ali para descansar, sentados no banco ou passeando na avenida.

O terceiro grupo faz referência à situação financeira daquelas pessoas (16,22 %), nele aparecem respostas de todo tipo, alguns alunos desse grupo imaginam que são pessoas muito ricas, porque moram em lugar bom, outros imaginam que são pessoas de classe média e ainda outros pensam que são de classe baixa ou mesmo mendigos e moradores de rua.

Ainda um quarto grupo se destaca, é o que se refere aos problemas que aquelas pessoas vivem no dia a dia, mesmo que na foto não haja evidência da existência desses problemas, como poluição, trânsito, ônibus lotados, correria, pressa, barulho. Também é importante fazer destaque ao grande número de alunos que deixou em branco essa resposta (8,55%), mesmo considerando que o aluno estava livre para responder o que quisesse, o que parece indicar a pouca motivação ou hábito com esse tipo de atividade.

Observar as referências dos alunos, e a frequência com que elas aparecem, faz refletir sobre que tipo de preocupação domina o pensamento dos alunos no que diz respeito à cidade onde vivem. São preocupações resultantes da sua relação com o meio social ao qual pertencem, são elementos da vida urbana (ou da vida em geral) que foram construídos e reconstruídos no processo de socialização com a família, com os amigos, com a escola.

Seguramente, alguns desses elementos já foram trabalhados e reforçados pela escola, inclusive pelos professores de Geografia, e de alguma forma foram internalizados. Ao interpretar as respostas dos alunos, pode-se dizer que eles apontam como principal atributo para a vida das pessoas o trabalho. Há indícios de que para eles essa é uma atividade relevante e que define em grande medida sua rotina – a correria, a espera de ônibus/transporte coletivo, o horário, o descanso.

Há ainda outra observação: nessa questão também houve pouco destaque para resposta que incluísse o observador: poucos alunos (apenas 5), ao imaginarem algo sobre o lugar, colocaram-se nele, como os seguintes - *peças normais como eu, que gosta de passear na praça ... as Pessoas “é nós mesmos”, e vivem num lugar arborizado... assim como eu, são pessoas felizes, satisfeitos*. Novamente, uma reflexão sobre o significado dessa pequena referência a si próprio nos “conteúdos” da escola.

Aqui é espaço para deixar “aberta” essa reflexão, uma vez que não há possibilidade de tirar conclusões com base apenas nessa associação. No entanto, pode-se indicar o problema a ser em parte atribuído ao trabalho docente rotineiro com os conteúdos escolares em geral, e com os conteúdos geográficos especificamente.

Imaginar o espaço da cidade: uma capacidade a se explorar

Quando se ensina sobre a cidade, sobre os espaços da cidade, sobre a estrutura urbana e sua relação com as outras cidades, e o conjunto dos conceitos necessários para trabalhar esses conteúdos (cidade, urbanização, urbano-rural, crescimento urbano, conurbação, regiões e redes urbanas) tem sido reforçada a presença dos alunos na cidade estudada? Há um reconhecimento dos alunos como habitantes e cidadãos dessa cidade objeto de estudo da Geografia? Quando se ensina um conteúdo geográfico, tem sido explorada e desenvolvida a capacidade de imaginação dos alunos?

Finaliza-se o texto com o destaque a esse aspecto da relação aqui tratada entre jovens escolares, cidade e ensino de Geografia: a imaginação geográfica. Uma das finalidades da atividade realizada com os alunos nessa pesquisa foi a de perceber indícios de sua capacidade de imaginação, afinal, pensando com Canclini (2007), as cidades são ao mesmo tempo lugares para habitar e para serem imaginados.

Assim, entende-se como objetivo do ensino de Geografia o desenvolvimento dessa capacidade. Ao se relacionar com a paisagem, os alunos podem desenvolver as capacidades de observação, de descrição, de questionamento e de imaginação. Por uma observação minuciosa e questionadora de uma paisagem urbana, como na atividade em questão, identificam-se elementos objetivos e também aqueles que podem ser imaginados, como os que apontaram os alunos. Esses elementos podem ser explorados em sala de aula, fazendo-se a descrição socializadora do que se vê e do que se imagina, pelas percepções, inferências e sensações, dando-se à experiência com a paisagem a possibilidade de ampliação dos conhecimentos, pela via do desenvolvimento do pensamento teórico.

De tal modo, pelo ensino de Geografia pode-se desenvolver a capacidade dos alunos de observar, imaginar e descrever paisagens, buscando ajudá-los com elementos teóricos da Geografia a compreenderem a espacialidade – a forma-conteúdo – expressa nessa paisagem. Trata-se de ultrapassar, com essa experiência, a atribuição de um sentido empirista e objetivista para o que se vê cotidianamente, como meramente coisas dispostas no mundo para necessidades imediatas, desenvolvendo-se a sensibilidade e a relação ativa com ela, colocando-se como participantes das suas cenas.

Referências

CANCLINI, N.G. **Imagários urbanos**. Buenos Aires: Eudeba, 2007.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas de interculturalidade**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995. _____. (2009). Consumo, acesso e sociabilidade. **Revista Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 6, n. 16. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/208/170>> Acesso em: 12/10/11.

CARLOS, A. F. A. O direito à cidade e a construção da metageografia. Cidades, Presidente Prudente-SP: **Revista científica/Grupo de Estudos Urbanos**, v. 2, n. 4, 2005.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

CAVALCANTI, L. S. **O ensino de Geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livros, 2005.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à “multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
MARTINS, Wilmont de M. **Trilhas juvenis: uma análise das práticas espaciais dos jovens em Goiânia**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFG, Goiânia, Goiás, 2004.

MASSON, J. R. **Pichadores de rua, territorialidades urbanas em conflito: territórios (in)visíveis de Goiânia**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFG, Goiânia, Goiás, 2005.

SANTOS M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Record, 2004.

SANTOS, E. M. dos. **O jovem e a cidade: um estudo sobre jovens migrantes e sua relação com Goiânia**. Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFG, Goiânia, Goiás, 2007.

OLIVEIRA, R. de C. A. Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo. vol. 4 n. 9, 2007.

TURRA NETO, N. Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização. **Anais I Seminário de Juventudes e Cidades**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <
<http://www.ufjf.br/juventudesecidade/files/2011/09/MOVIMENTO-HIP-HOP-DO-MUNDO-AO-LUGAR-DIFUS%C3%83O-E-TERRITORIALIZA%C3%87%C3%83O.pdf>
> Acesso em: 15 set. 2011

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A. e SPÓSITO E. S. (orgs.). **Territórios e territorialidades : teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós-graduação em Geografia, 2009.

SOUZA, M. J. L. “O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento”. In CASTRO, I.E. e outros (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. “Território” da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SPÓSITO, M. E. B. (Org.) **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente, Unesp/FCT, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2009.

SUANNO, M. V.R. **Grupo focal e auto avaliação institucional democrática**. Rio de Janeiro: Deescribra, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Obras escogidas**. Madrid, Espanha: Visor Dis., S.A, 2000.

WOODWARD. K. (2009). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Recebido em: 25/04/2013

Aceito para publicação em: 30/06/2013